

A P R E S E N T A Ç Ã O

Os estudos sobre o discurso tomaram a cena das abordagens nas ciências humanas. Este fato se revela em inteira conexão com as mudanças ocorridas no mundo, a partir dos anos sessenta, que trouxeram novas relações entre a objetividade do modo de produção capitalista, agudizando sua lógica de exploração do homem, através de novas formas de produção calcadas na informatização e na robótica, subsidiadas pelo processo de globalização que se torna cada vez mais penetrante em todos os recantos do planeta; e a subjetividade que responde a essas mudanças de forma bastante diversificada. Na verdade, instaura-se contraditoriamente uma subjetividade que ao mesmo tempo reforça a individualidade e, praticamente, aniquila a capacidade de transformação a partir dos sujeitos coletivos, que, desde o advento da modernidade, constituíam, segundo Marx, o motor da história.

Para Foucault as amarras sociais impedem qualquer possibilidade de transformação, restando apenas um enfrentamento que se reduz às mínimas formas de intervenção por parte das individualidades. Por outro lado, a possibilidade de controle por parte da individualidade leva a se pensar numa autonomia do sujeito que fica livre para qualquer reação. Essas concepções díspares entram para os estudos lingüísticos, a partir do próprio Foucault, principalmente com o conceito de formação discursiva, que cerceia o sujeito naquilo que é possível dizer, e de Benveniste, que concede ao sujeito um poder ilimitado sobre o discurso, do qual é tornado fonte.

Sem sombra de dúvida, o discurso torna-se o grande alvo das análises, na medida em que, cada vez mais, a sociedade contemporânea passa a ser uma sociedade que “discursa” sobre todas as áreas de atuação.

A partir do final do século passado, a universidade brasileira, na área de Letras e Linguística, assimila os estudos sobre o discurso, a partir de diferentes concepções teóricas. Seguindo a linha teórica instalada na Unicamp, principalmente por Eni Orlandi, um grupo de pesquisadores/professores do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Ufal, nos anos noventa, cria a linha de pesquisa *Discurso: história, sujeito e ideologia*, que vem formando professores e pesquisadores. Sempre com o objetivo de renovação do conhecimento, tem sido feito um estudo que privilegia as bases dos conceitos marxianos, numa busca de maior compreensão dos diversos tipos de discurso, realizando uma retomada dos conceitos de Pêcheux e Bakhtin, onde a história e as lutas sociais tornam-se o centro de todos os enfoques.

Este número da revista *Leitura* reflete, na maioria de seus artigos, o caminho trilhado pela linha de pesquisa *Discurso: sujeito, história e ideologia* na sua interlocução com diversos pesquisadores. No entanto, abriu-se espaço para concepções que, embora não se contraponham na essência aos estudos discursivos, históricos, não necessariamente têm como base os mesmos referenciais teóricos.

Nesse sentido podemos dividir este número em dois blocos: um primeiro, em que os artigos estão todos subsidiados pela análise do discurso francesa e sobre conceitos bakhtinianos, e um segundo, em que diferentes discursos e aportes teóricos diversos refletem sobre a história e o ensino de língua e literatura.

TEORIA DO DISCURSO E TEORIA BAKHTINIANA

Fábia dos Santos Marucci polemiza sobre a situação do louco nas sociedades modernas, a partir do exame de leis que extinguem os manicômios e pretendem dar cidadania ao doente mental.

Lídia Ramirez faz uma análise do noticiário do Repórter CBN, enfatizando a pluralidade de vozes que compõem os enunciados veiculados pelo rádio.

Rossana Viana Gaia analisa o discurso de Collor de Mello em dois momentos diferentes de sua carreira política, relacionando-os com a conjuntura nacional.

Ingo Voese procede a uma discussão teórico-metodológica sobre as concepções de língua, ato de fala, evento cultural e acontecimento, culminando com a noção de mediação enquanto refração e reflexo.

Belmira Magalhães faz uma reflexão sobre o ensino da literatura e apresenta uma análise discursiva de uma poesia de Otávio Cabral.

Giselle Castro de Carvalho analisa discursos de dois sujeitos incomuns, “uma esquizofrênica” e um “profeta”, enfatizando como efeitos de sentidos diferentes para discursos aparentemente semelhantes promovem respostas diversas.

Leda Verdiani Tfouri e Soraya Maria Romano, a partir do conceito de Interpretação, analisam o discurso da sala de aula, verificando a ultrapassagem da forma-leitor para a função-leitor.

Fabio Elias Verdiani Tfouri argumenta por uma diferenciação entre a interpretação do analista do discurso e do leitor comum, a partir do dispositivo teórico de interpretação.

Mônica Zoppi-Fontana reflete sobre o funcionamento da memória e do acontecimento discursivo na produção de sentido em arquivos institucionalizados.

Claudia Andréa Prata Ferreira estabelece uma relação entre linguagem, identidade e memória, a partir das narrativas hebraica bíblica e talmúdica, mostrando o caráter interpretativo-histórico do judaísmo.

Elizabeth Fontoura Dorneles aprofunda a discussão sobre o sujeito em Bakhtin, dando ênfase à relação entre ideologia, língua e interação social.

Ana Maria Gama Florencio aprofunda as noções de dialogismo e polifonia de Bakhtin.

Antonieta Laface, através do conceito de parassinonímia lingüística, polemiza a leitura do contexto cultural dos quinhentos anos do Brasil.

Denize das Neves Barbosa de Souza analisa fatos e personalidades da história da imprensa nacional com base na Semiótica de Roland Barthes e Umberto Eco.

OUTRAS VOZES, ENSINO E HISTÓRIA

Maria Francisca Oliveira Santos, através de marcador conversacional – par adjacente –, analisa as relações assimétricas professor/aluno, enfatizando as formas de poder em sala de aula.

João Gomes da Silva Neto discute a relação entre literatura e ensino, problematizando os fatos político-educacionais, os programas curriculares, o espaço escolar, a pedagogia e as limitações da formação do professor.

Lucia de Fátima Santos enfatiza, a partir do lugar teórico da lingüística aplicada, a possibilidade de autoria na produção de textos em sala de aula.

Maceió, agosto de 2004.

BELMIRA MAGALHÃES
Organizadora